ABRALIN
em Cena
IFFluminense
Campus Macaé 2016



Língua, ensino e pesquisa: repensando fronteiras

ANAIS

Instituto Federal Fluminense
Macaé
13 a 16 de setembro de 2016





ANAIS

Organização:

Fernanda Costa Demier Rodrigues

Revisão:

Aída Maria Jorge Ribeiro

Isabela Bastos de Carvalho

Olivia de Melo Fonseca

Simone de Oliveira Daumas

Design Gráfico

Alberto Carlos Paula de Souza

Letras da UFF

COMITÊ ORGANIZADOR

Fernanda Costa Demier Rodrigues (IFFluminense)

Fabiana de Pinho (IFRJ)

Felipe Vigneron Azevedo (IFFluminense)

Germano da Silva Rangel (IFFluminense)

Glácua Felismino dos Santos (IFFluminense)

Magda Batista de Sant´Anna Martins (IFFluminense)

Telma Cristina de Almeida Silva Pereira (UFF)

Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF)

Rita de Cássia Brison Pires (IFFluminense)

COMISSÃO TÉCNICO CIENTÍFICA

Aída Maria Jorge Ribeiro

Alice de Araújo Nascimento Pereira

Andréa Gomes Barbosa

Ângela Maciel Puglia

Camila França Barros

Caroline Costa Pereira

Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi

Giselda Maria Dutra Bandoli

Marília Siqueira da Silva

Patrícia Ribeiro Corado Fernandez

Ronaldo Adriano Freitas

Thamiris de Oliveira Araújo

Macaé – RJ

2017

Congresso *Abralin em Cena IF Fluminense* campus *Mac*aé (2017, Macaé, RJ).

Anais do Congresso *Abralin em Cena IF Fluminense* campus *Mac*aé. [publicação eletrônica] / Organizadora: Fernanda Costa Demier Rodrigues. Macaé-RJ. 2017. 412 p.

ISBN: 978-85-65355-18-6

Associação Brasileira de Linguística
Instituto Federal Fluminense

Disponível em: http://abralin.org/site/data/uploads/anais-abralin-em-cena-if-fluminense.pdf?v2

1. Linguística.

APRESENTAÇÃO

O evento Abralin em Cena IFFluminese *campus* Macaé, promovido pela Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) em conjunto com o Instituto Federal Fluminense, propiciou uma significativa oportunidade de qualificação profissional para os docentes que atuam nas áreas de Lingua Portuguesa e línguas estrangeiras na educação básica do município de Macaé e arredores, assim como uma especialíssima ocasião de formação e troca de saberes para estudantes, professores e pesquisadores.

Estes anais reúnem 34 trabalhos completos resultantes de comunicações individuais apresentadas nas mesas-redondas e nos grupos temáticos dos eixos de estudo e pesquisa promovidos pelo Congresso, a saber: Gêneros textuais e ensino; Produção escrita: atividades de escrita, reescrita e avaliação; Leitura na e pela escola; O ensino da língua e o uso das TIC´s; Material didático; Experiências interdisciplinares: uma pedagogia de projetos; Língua estrangeira e internacionalização do ensino.

Ressalta-se que a possibilidade oferecida pela Abralin de realização deste evento em uma cidade interiorana reflete a oportunidade da divulgação e do fomento de pesquisas linguísticas ao longo de todo o Brasil.

Comitê Organizador

a história do ciclo açucareiro em Campos dos Goytacazes...268
O ENSINO DA LÍNGUA E O USO DAS TIC´s
A EJA e os desafios diante das novas ferramentas digitais: a tecnologia como aliada ao processo de aprendizagem e melhora da autoestima..278
Literatura infantil, língua e ensino: aproximações possíveis.......................................288
O gênero musical como estratégia de ensino-aprendizagem e valorização da cultura afro-latina no desenvolvimento da interculturalidade nas aulas de espanhol.......................296
O uso das NTIC em sala de aula e o duelo de docentes imigrantes e discentes nativos digitais..307
MATERIAL DIDÁTICO
Análise de livro didático de português: há diálogo entre produção textual e oralidade?...318
Elaboração de material didático no ensino de l1 como l2 para alunos surdos na educação inclusiva...325
Sequências tipológicas, gêneros textuais e ensino de produção de textos: contribuições para os alunos do segundo segmento do ensino fundamental.......................................340
EXPERIÊNCIAS INDERDISCIPLINARES: UMA PEDAGOGIA DE PROJETOS
A leitura como área de confluência interdisciplinar na escola básica.............................352
Educação linguística em espaços alternativos de ensino: transdisciplinaridade e dialogismo 361
Interação verbal na escola: uma abordagem interdisciplinar em Pedagogia e Linguística 367
LÍNGUA ESTRANGEIRA E INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO
A capacitação dos professores de inglês como ferramenta da internacionalização dos IFs...375
A língua “estrangeira” dos surdos brasileiros: o caso da variação linguística da Libras...383
O distanciamento entre o português brasileiro e o "português português": a ótica das influências linguísticas no nível do léxico..396

Educação linguística em espaços alternativos de ensino: transdisciplinaridade e dialogismo

Davidson Martins Viana Alves

"*Tenho-me esforçado por não rir das ações humanas,*
por não deplorá-las nem odiá-las, mas por entendê-las."
(Spinoza)

Resumo
Baseando-se nos pressupostos da sociologia da linguagem (GOFFMAN, 1988; CALVET, 2002; LEITE, 2008; FROSI, FAGGION & DAL CORNO, 2008), busca-se discutir a noção de prescrição normativa do uso linguístico (BAGNO, 2003), e do fazer linguagem musical (FACINA, 2009). Ao longo do percurso, o projeto de pesquisa percorreu muitos espaços não escolares, como as lonas culturais Herbert Vianna - Complexo da Maré/RJ, Elza Ozborne - Campo Grande/RJ, Sandra de Sá - Santa Cruz/RJ e Gilberto Gil - Realengo/RJ, contudo somente se implantou efetivamente no CIEP Alberto Pasqualini – Urucânia/RJ. A aplicação do projeto se deu com 15 participantes, moradores da comunidade em questão e que estavam reunidos para jogar basquete. Dentre eles, havia um *rapper* profissional que muito contribuiu para as discussões e posteriores análises de dados qualitativos. Observa-se que realmente foi possível aplicar alguns elementos da teoria adotada pelo presente trabalho em um espaço alternativo em educação. Faz-se necessário, por fim, comentar que profícuas trocas de conhecimentos e experiências foram produzidas e que diálogos epistemológicos de diversas naturezas foram construídos durante a equilibrada interação entre pesquisador/professor, objeto de estudo e informante/aluno, não havendo um peso maior para uma das direções, mas sim um equilíbrio intersujeitos.
Palavras-chave: Preconceito. Normas e variação. Educação em espaço não escolar.

Introdução

Este trabalho foi produzido a partir de um projeto da prática de ensino de Licenciatura em Letras: Português/Espanhol da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Professor Doutor Antonio Andrade. Este projeto tinha o objetivo principal de desenvolver em espaços alternativos de ensino uma educação linguística ou literária.

Baseando-se, em sua totalidade, nos pressupostos teóricos da sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]), busca-se inter-relacionar teoria e prática dos conceitos dessa corrente teórica tão desenvolvida na ciência da linguagem. Especificamente, apresentam-se observações de uma experiência com um projeto que buscava levar conhecimentos produzidos na academia para fora dela e, dialogicamente, aprender e construir outros saberes com o olhar do outro, de fora e, desta maneira, levar esse novo conhecimento, empírico e prático, de volta à academia.

Sabe-se que a universidade carece de projetos deste tipo, extramuros,

transdisciplinares e que dialoguem com a comunidade, por isso, levou-se a comunidades periféricas a discussão sobre questões relacionadas ao preconceito linguístico e ao preconceito social. Esta, vista como atitude etnocêntrica que hierarquiza os estratos sociais, e aquela, uma ramificação do preconceito social, tratando-se da hierarquização dos diversos falares de uma região, atribuindo valores a seus determinados usos linguísticos.

Metodologia

No primeiro momento, utilizamos como método conscientizador para tratar da variação linguística músicas populares brasileiras, como o *Funk* e o *Rap* - tanto as letras quanto os áudios - propondo uma roda de discussão sobre os assuntos abordados.

Posteriormente propomos a relação das diferenças textuais e contextuais presentes nas letras das músicas que foram levadas a título de exemplificação para a discussão do tema em questão. Entende-se que essas diferenças pragmáticas permeiam significativamente o meio social, corroborando assim o conceito de variação diastrática (dividida em estratos/camadas sociais).

Fundamentação Teórica

O referido trabalho baseia-se nos pressupostos teóricos dos seguintes autores, que tecem um diálogo entre Sociologia e Linguística. Os autores a serem citados, tratam das principais questões deste trabalho, o preconceito linguístico e social e a variação linguística, em seus diversos âmbitos (diastrática, diatópica e diafásica...).

Calvet (2002), que discorre sobre as práticas e atitudes de inclusão e exclusão linguísticas a partir do meio social, estabelece que a linguagem se caracteriza como um dos principais componentes culturais e que delineia formas de atitudes e comportamentos que são utilizados para preencher os espaços sociais e interacionais desenvolvidos durante o uso da língua. Por isso aprender uma língua implica também desvendar a cultura em que ela se insere.

Logo, de acordo com o ponto de vista e posicionamento deste trabalho, se estabelece a seguinte equação ([{língua} + cultura] + sociedade) baseada nos estudos aqui difundidos e, sobretudo, nos pressupostos interacionais e que prezam o efetivo uso da língua.

Frosi, Faggion & Dal Corno (2008) afirmam que, em decorrência de determinados mitos e valores, predominantes em uma determinada sociedade em uma dada época, uma variedade específica de uma determinada língua adquire prestígio e passa a ser percebida como portadora de uma cultura superior ou de costumes a serem imitados. Por isso, por não possuir a variante de prestígio, o falante de uma comunidade de fala estigmatizada é visto como ignorante, pois tem um falar "atrapalhado"', "errado", "embolado", "feio" ou até é tachado como aquele "que não sabe falar". Mesmo que essa variante de prestígio não seja o falar majoritário, impõem-se regras especulativas e prescreve-se o uso do "bom falar", ou seja, se estabelece um sotaque a ser seguido, mas sem uma efetiva funcionalidade.

Para se entender melhor como se compõem as normas linguísticas, cabe citar Bagno (2003). Segundo o autor existem diversas normas, como a norma-padrão: variedade geralmente concentrada na capital, onde há centros comerciais, polos de cultura e ciência; a norma culta e a não-culta: variedade relacionada às variações diastrática (divide-se em estratos sociais, o rico e o pobre), diatópica (divisão a nível espacial, por isso *topos*. Ex. Meio urbano, meio *rurbano* e meio rural) e diafásica (contextos de uso, situação experienciada, variação de registro) e, ainda, a norma regional / localizada: estritamente relacionada a sua comunidade de fala, a suas próprias regras e princípios linguísticos que se normatizaram naquele espaço. Há uma inversão dos quadros das normas.

O preconceito linguístico pode ser analisado como uma atitude etnocêntrica que hierarquiza os diversos falares de uma região e valora os usos linguísticos em "inferior", "baixo", "chulo" (popular) e "superior", "elevado", "padrão" (*standard*). As marcas fonéticas do falante, bem como seu sotaque com sua linha melódica, constituem vários estereótipos linguísticos de efeito estigmatizador, cujos sentidos vão muito além da comicidade. Muitos desses conceitos estão fortemente evidenciados em Leite (2008).

Goffman (1988), que propõe a construção do estigma associado à anatomia, à sociedade e à linguagem, aborda o estigma e a identidade social e individual em uma perspectiva da sociologia da linguagem. Em sua obra, estigma significa marca. É uma marca que o indivíduo carrega e o torna inabilitado para a aceitação social plena. Assim, um indivíduo portador de estigma distingue-se dos outros pela marca que lhe é peculiar. Segundo o autor, para se explicar o fenômeno da estigmatização é preciso compreender a

relação existente entre linguagem e cultura. O fenômeno da estigmatização contempla a fala de grupos de falantes considerados minoritários, o que na realidade não se prova, já que os falares populares, vistos como “baixos”, “rurais” e “errados”, que sofrem certo estigma social por meio da linguagem, são os mais utilizados pela população, ou seja, são falares majoritários. Isso é corroborado pelo fato dessas determinadas variedades serem muito mais encontradas nos falares cotidianos.

Por fim, não menos importante, muito pelo contrário, Facina (2009), que faz um excelente trabalho teórico com o *Funk* carioca e o *Rap*, vistos socialmente como gêneros musicais marginais. Esta autora discute veementemente sobre a criminalização da pobreza e a construção da identidade do morador de comunidades periféricas do Rio de Janeiro - RJ.

Relato de Experiência (pontos positivos e negativos)

Inicialmente o trabalho foi programado para ser aplicado na Lona Cultural Herbert Vianna (Complexo da Maré – Rio de Janeiro - RJ). Nela comparecemos duas vezes, primeiramente para encontrar e conhecer o local e, assim, marcar uma reunião e posteriormente para ter efetivamente a reunião com toda a coordenação de dirigentes do referido espaço não-escolar, alternativo de ensino.

Ao longo do percurso, devido às constantes operações policiais na região, decidimos, por uma singela influência de alguns moradores da localidade, transferir a aplicação do projeto para outras Lonas Culturais do Rio de Janeiro – RJ, como a Lona Cultural Elza Ozborne (Campo Grande), Lona Cultural Gilberto Gil (Realengo) e Lona Cultura Sandra de Sá (Santa Cruz). Contudo, infelizmente, não tivemos sucesso por não haver datas disponíveis que serviriam para nosso projeto ser efetivamente realizado. Sem falar na inviabilidade de tempo e de aceitação de algumas regras e grandes questões burocráticas que envolviam este processo.

Mediante essa realidade, a partir de alguns contatos, conseguimos levar nosso projeto à quadra de basquete do CIEP Alberto Pasqualini (Urucânia – Rio de Janeiro - RJ), em que contamos com a participação de 15 jogadores de basquete, que, por conseguinte, formaram nosso grupo de informantes, participantes da pesquisa. Ademais, fomos agraciados com a importante presença e participação de um *rapper* profissional morador da comunidade, que nos encheu de ideias e ânimo e, ainda, criou, naquele exato

momento de aplicação do projeto, um rap que mesclava o tema do projeto com sua própria realidade vivenciada cotidianamente.

A citada aplicação se deu em um espaço que tangencia o limite entre o escolar e o não-escolar, porque não há uma permissão formal/oficial pela direção do CIEP para a utilização da quadra em que ocorrem as partidas. Com isso - o espaço não tendo o apoio da direção para o desenvolvimento do esporte e da cultura naquela comunidade periférica da zona oeste do município do Rio de Janeiro (Urucânia) - os jogadores acabam tendo que “invadir” a escola para usufruírem da quadra de esportes.

Diferentemente da recepção dos outros espaços não-escolares em que tentamos aplicar o projeto, este nos acolheu amigavelmente, deixando-nos confortáveis para realizar plenamente todas as metas e propostas do trabalho.

Considerações Finais

Conclui-se que a proposta inicial do projeto não foi aplicada conforme o esperado, pelos motivos já explicitados. Contudo conseguimos aplicar todas as ideias e projeções iniciais de nosso projeto. A noção de norma, padrão e variação linguística foi plenamente introduzida, desmitificando, assim, alguns preconceitos que envolvem a linguagem, com ênfase na noção de “certo” e “errado”. Desta maneira, os resultados qualitativos deste trabalho corroboram o caráter dinâmico, interacional e dialógico da linguagem.

Observou-se que os temas preconceito linguístico e preconceito social suscitam uma discussão maior, que tem origem na formação da identidade individual e, simultaneamente, coletiva. Essa discussão está intimamente relacionada com os fatores sócio-econômicos que permeiam as relações entre os grupos sociais, marcadas pela linguagem que utilizam.

Ainda, considera-se que em uma mesma comunidade linguística coexistam usos linguísticos diferentes, não havendo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior, pois as pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira. Sendo assim, até mesmo a universalidade do pensamento é expressa de maneiras distintas e específicas em cada comunidade de fala. Por isso, no que tange aos estudos linguísticos, não se admite a exclusão de uma determinada variedade linguística e a inclusão de outra por questões subjetivas ou pela manutenção de um falso

'status', mas sim, preza-se pela conjunção de ambas as variedades que se complementam e se interrelacionam, devido à multifuncionalidade e variação inata à linguagem.

Ideologias puristas unilaterais que supervalorizam um uso como o "padrão" não são bem-vindas! Muito menos marcas de práticas de estigma, de exclusão, de intolerância e de preconceito social e linguístico.

Referências

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica (trad. M. Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2002.

FACINA, Adriana. "Não me bate doutor": Funk e criminalização da pobreza. **V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura** – V ENECULT. Salvador: Faculdade de Comunicação / UFBa. 2009.

FROSI, Mª. V.; FAGGION, C. Mª.; DAL CORNO, G. O. M. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 139-167, jul./dez, 2008. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/rv7n2/06-Vitalina-Maria-Frosi%5B1%5D.pdf> Acesso em: 15 out. 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. (trad. M. Bagno, M.M.P. Scherre e C. R. Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.